



Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos - UNICEPLAC

Curso de Medicina Veterinária

Trabalho de Conclusão de Curso

**Rotina do médico veterinário e seus impactos na saúde psicológica
dos mesmos: Revisão de literatura.**

Gama-DF

2023

Gabriela de Oliveira Freire

Rotina do médico veterinário e seus impactos na saúde psicológica dos mesmos: revisão de literatura.

Artigo apresentado como requisito para conclusão do curso de Bacharelado em Medicina Veterinária pelo Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos – Uniceplac.

Orientadora: Profa Dra Veridiane da Rosa Gomes

Gama-DF

2023

GABRIELA DE OLIVEIRA FREIRE

Rotina do médico veterinário e seus impactos na saúde psicológica dos mesmos: revisão de literatura.

Artigo apresentado como requisito para conclusão do curso de Bacharelado em Medicina Veterinária pelo Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos – Uniceplac.

Gama-DF, 20 de novembro de 2023.

Banca Examinadora



Prof. Dra. Veridiane da Rosa Gomes

Orientador



Prof. Dra. Margareti Medeiros

Examinador



Prof. Dra. Tatiana Guerreiro Marçola

Rotina do médico veterinário e seus impactos na saúde psicológica dos mesmos: revisão de literatura.

Gabriela de Oliveira Freire¹

Veridiane da Rosa Gomes²

Resumo:

A prática da medicina veterinária vai além do cuidado com animais domésticos, incluindo a prevenção de doenças e a inspeção de alimentos de origem animal para proteger a saúde pública. Apesar do papel vital, os médicos veterinários muitas vezes são subestimados e a sociedade acaba limitando sua importância ao cuidado animal e humano. A falta de preparo psicológico e emocional durante a graduação para lidar com situações como perda de pacientes, eutanásia, comunicação da morte e luto, são gatilhos que podem levar o profissional a desenvolver alterações emocionais e psicológicas, como a depressão, síndrome de burnout e suicídio. Este trabalho é uma revisão bibliográfica que busca identificar quais fatores na rotina do médico veterinário impactam de forma negativa na saúde psicológica dos mesmos e como isto pode estar ligado a falta de preparo psicológico emocional durante a fase acadêmica, buscando alertar os profissionais de questões que muitas vezes passam despercebidas, e buscar soluções para melhorar dados e saúde do profissional médico veterinário.

Palavras-chave: Eutanásia, depressão, síndrome de burnout, estudante.

Abstract:

The practice of veterinary medicine goes beyond the care of domestic animals, including the prevention of disease and the inspection of foods of animal origin to protect public health. Despite their vital role, veterinarians are often underestimated and society ends up limiting their importance to animal care. The lack of psychological and emotional preparation during graduation to deal with situations such as loss of patients, euthanasia, communication of death and grief, are triggers that can lead the veterinarian to develop emotional and psychological changes, such as depression, burnout syndrome and suicide. What is needed is a bibliographical review that seeks to identify which factors in the veterinarian's routine have a negative impact on their psychological health and how this may be linked to the lack of emotional psychological preparation during the academic phase, seeking to alert professionals to issues that many often go unnoticed, and seek solutions to improve data and health of veterinary professionals.

Keywords: Euthanasia, depression, burnout syndrome, student.

1 INTRODUÇÃO

Existem relatos da prática da medicina veterinária desde 2000 a.C, mas somente nos meados de 1762 o surgimento da medicina veterinária se concretizou, quando a primeira escola abre as portas, em Lyon, na França. Apesar de já existirem grandes avanços e sucesso, somente em 1910 foi confirmada a criação de uma das primeiras escolas veterinárias no Brasil, no Rio de Janeiro, a escola veterinária do exército (GERMINIANI, 1998).

A prática da medicina veterinária tem sido cada vez mais importante para a população em geral, diferente do que se pensa, não apenas fazendo parte das ciências agrárias, cuidando dos animais domésticos, pecuária e agricultura (SOUZA DOS ANJOS et al., 2021), como também utilizando táticas para prevenir, cuidar da saúde pública e combater diversas enfermidades por meio do conhecimento da epidemiologia e inspeção de alimentos de origem animal (PFUETZENREITER, ZYLBERSZTAJN, AVILA-PIRES, 2004).

Dados indicam que cerca de 62% dos patógenos que causam doenças nos seres humanos são transmitidos por meio do mundo animal (CUNNINGHAM, 2005), e cerca de 75% das doenças emergentes vieram especificamente da fauna silvestre (BLANCOU et al., 2005). Sendo assim, temos o médico veterinário como o único profissional apto a prevenir, diagnosticar, rastrear novos patógenos com capacidade de contágio humano e tratar esses animais, a fim de evitar a transmissão para a sociedade e o surgimento de novas pandemias, como a COVID-19 (SOUZA DOS ANJOS et al., 2021).

Com o avanço e reconhecimento, em 1949, a Organização Mundial da Saúde (OMS), estabeleceu a criação de uma sessão específica da saúde veterinária (VIANNA PAIM, CALVACANTE DE QUEIROZ, 1970). Assim veterinários passaram a ser contratados em áreas administrativas e técnicas dentro da saúde pública (PFUETZENREITER, ZYLBERSZTAJN, AVILA-PIRES, 2004).

É um fato que o médico veterinário (MV) é um pilar importante na sociedade, contribuindo em diversos aspectos e em diferentes áreas, porém, na maioria das vezes não é reconhecido, é desvalorizado e ignorado. A sociedade tem uma visão distorcida da importância, sem reconhecer a função e o valor dos veterinários, muitas vezes os resumindo somente ao cuidado com os animais em geral, sem vincular até mesmo a importância deles em laboratórios, estudos científicos, produção de fármacos, aulas de imunologia em geral, aulas didáticas, entre

tantas outras áreas. Para a maioria da população o ‘doutor’ veterinário é apenas alguém que sabe lidar com os animais (LEYVA-OCARIZ, HUGO, 2005).

De acordo com Barwaldt et al. (2020), fatores como: não se sentir realizado na vida profissional, o desgaste emocional e a despersonalização do profissional, também contribuem nos impactos psicológicos de forma negativa na vida do médico veterinário. O que, auxilia no cenário atual da medicina veterinária, onde o suicídio, a síndrome de burnout e a ansiedade fazem parte do dia a dia da maioria dos profissionais desta área.

Desta forma, este trabalho tem como objetivo revisar aspectos de como a rotina profissional no mercado de trabalho causa impacto na saúde psicológica dos mesmos e como o estado psicológico do médico veterinário pode estar ligado à falta de preparo emocional durante a sua formação acadêmica até a atuação como profissional.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Medicina Veterinária no Brasil e no mundo

Há muitos séculos já existia uma relação um tanto eclética entre animais e seres humanos, sendo usados para companhia, produção de derivados e alimentos como carne, leite, couro e penas para a fabricação de roupas, além do mais usados para transporte, esportes e lazer (GERMINIANI, 1992), existem relatos e impressões deixadas nas paredes de cavernas, através de pinturas pré históricas que confirmam essa relação histórica que a sociedade possuiu com o mundo animal (BRUNNER e ZANNELLA, 1995).

O convívio com animais se dividiu de diversas formas de acordo com cada povo e religião, os egípcios e gregos tinham os gatos como símbolos mitológicos, o considerando um animal sagrado, já na Mesopotâmia, isso acontece com os cães e os povos hindus veneram os bovinos; nas religiões é comum cristãos, judeus e muçulmanos condenar a carne suína devido ao risco de contaminação, por serem animais sentinelas, capazes de transmitir enfermidades diversas para os nômades e para as tribos migratórias. A carne suína foi a primeira a dar início ao que chamamos de profilaxia zoonótica, a fim de evitar contaminação zoonótica entre animais e seres humanos (BRUNNER e ZANNELLA, 1995).

Com o sucesso obtido em diversas escolas de medicina veterinária do exterior, como as escolas de Lyon e de Alfort, surgiu a hipótese de criar a primeira faculdade de veterinária no

Brasil; ideia concretizada no dia 18 de fevereiro de 1808 (GERMINIANI, 1998). Somente em 1810 o cargo de Veterinário foi devidamente reconhecido, nesta época o MV tinha o dever e a responsabilidade principal de auxiliar no estudo, orientação, técnica e cuidado dos equinos do 1º regime da cavalaria do exército.

O cavalo era um pilar importante e no primeiro século da era cristã o governo teve que aumentar a preocupação e os esforços para controlar doenças animais que surgiram na época em grande quantidade; foi nessa época que aconteceu o desenvolvimento e aperfeiçoamento na habilidade de diferenciar e diagnosticar sinais clínicos relacionados a doenças específicas, melhorando a qualidade do serviço veterinário (PFUETZENREITER, ZYLBERSZTAJN, AVILA-PIRES, 2004). Esta fase militar durou cerca de 25 anos, sendo o exército os principais a utilizarem o serviço feito pelo médico veterinário em diversos locais do Brasil e do mundo, somente após esse período foi incluído o serviço veterinário na finalidade agrícola e rural (GERMINIANI, 1998).

Com o passar dos anos, diversas novas faculdades voltadas para o curso de medicina veterinária abriram e se espalharam pelo Brasil, atualizando e aumentando a sua grade curricular, assim como a qualidade do ensino. As faculdades agora abordaram temas diversos, em 1929, no Rio Grande do Sul, o Instituto Borges de Medeiros, tinha o curso de veterinária voltados para produção agrícola e animal, tal como seus derivados, diagnóstico e tratamento de doenças infecciosas, pesquisas e preparo de soro e vacinas preventivas, além de aumentar o conhecimento da população sobre o manejo, cuidados preventivos e identificação de ectoparasitas causadores de prejuízos no rebanho e insetos prejudiciais à agricultura. Já em 1946, o Instituto de Pesquisas Veterinárias, abre 5 novos laboratórios voltados principalmente para pesquisa, eram estes: laboratório de Microbiologia, Anatomia Patológica, Parasitologia, Biologia Aplicada e Febre Aftosa. Somente no ano de 1920 o curso de veterinária foi inaugurado e aprovado para a formação de médicos veterinários, porém apenas em 1970 os cursos de medicina veterinária e agronomia se desvincularam (OLIVEIRA, 2018).

Atualmente, no século XXI, existem mais de 300 cursos de MV, registrados no conselho federal de medicina veterinária (CFMV), sendo mais de 200 desses, cursos em instituições privadas. O curso vem crescendo, criando espaço e conquistando o respeito e a admiração da população, hoje em dia existem diversas áreas de atuação e estudo, além de especializações,

pós-graduações e cursos para aprimoramento em áreas específicas da medicina veterinária (OLIVEIRA, 2018).

Hoje reconhece-se o veterinário da área de clínica médica, tratando dos animais domésticos, que cada dia mais ganham espaço como membros da família, área de animais de produção, atuação na saúde pública, cuidando direta e indiretamente da população, prevenindo e tratando zoonoses, produção e estudos imunológicos, área laboratorial, com a função de diagnosticar e identificar agentes causadores de doenças. A modernização da veterinária permite que, assim como os médicos, possamos nos especializar em áreas como a odontologia, cardiologia, oncologia, entre outras diversas especializações encontradas no mercado de trabalho (OLIVEIRA, 2018).

2.2 Estudante de Medicina Veterinária

Com o passar do tempo, o número de cursos de Medicina Veterinária no Brasil cresceu, porém a qualidade do ensino e a prática durante a graduação para a inserção no mercado de trabalho não acompanhou este crescimento. Apesar da qualidade não aumentar, ainda se espera do MV, que ele seja apto a desenvolver suas atividades em diferentes áreas de atuação, de forma exemplar, sendo crítico e humanista, atendendo além das necessidades dos animais domésticos, silvestres e de produção, a sociedade brasileira como um todo (OLIVEIRA FILHO, SANTOS, MONDADORI, 2010).

Como dito por Oliveira Filho; Santos e Mondadori, (2010), o profissional deve ser preparado para ter consciência social, cultural e psicológica, além de ser capacitado para atuar de forma ética e comunicativa com a sociedade. Fato que não se faz presente na maioria dos cursos. Durante a graduação há a ausência de preparo psicológico e emocional para lidar com os obstáculos encontrados na rotina da clínica veterinária, como a perda de pacientes, eutanásia, luto e informar morte aos tutores (SANTOS, CORRAL-MULATO e BUENO, 2014).

Atualmente sabe-se que os animais são capazes de sentir diversas emoções, assim como os humanos, sendo alguma dessas a como dor, alegria, tristeza, medo dentre outras (CFMV, 2010), e por serem considerados membros da família, ocupando uma posição emocional na vida das pessoas e até mesmo um papel de filho (FERREIRA, SAMPAIO, 2010; ALMEIDA e BRAGA, 2009; DOTSON, HYATT, 2008), dessa forma seria obrigação do MV ser preparado e saber lidar com o luto e consolo das famílias que perdem um ente querido (SOARES, 2010).

Uma pesquisa feita por Lesnau e Santos (2013), constatou que dentre 119 instituições de ensino veterinário, apenas uma teria em seu currículo a matéria de psicologia e outra apresentava matéria optativa, a fim de tratar assuntos como morte, eutanásia e luto. De fato existe a necessidade da abordagem desses temas nas instituições, isso porque é obrigação do MV compreender diferentes determinantes sociais, culturais, comportamentais, psicológicos, éticos e legais que dizem a respeito do tutor que acaba ou está prestes a perder um membro da sua família (LESNAU e SANTOS, 2013), além disso se espera que o profissional esteja apto a lidar com esses temas, assim como há em outros cursos da área da saúde (SANTOS, CORRAL-MULATO e BUENO, 2014).

Os sinais de estresse surgem antes mesmo da formação do estudante de veterinária, gerando má qualidade de vida desde o início do curso até o fim da sua graduação. O tempo de estudo, a auto cobrança com notas, presença, trabalhos e atividades extracurriculares causam grandes impactos psicológicos e estresse agudo, assim como na vida após a formação, onde a remuneração, principalmente do recém formado, os problemas que se dizem respeito às condições de trabalho e a dificuldade em achar um equilíbrio pessoal e profissional também geram estresse intenso (GAUTAM, 2015; MEYER, 2012).

O curso de Medicina Veterinária está na lista dos mais exigentes com os alunos, onde estes precisam diariamente abdicar de momentos pessoais, de lazer e descanso para se dedicar e se esforçar para acompanhar o ritmo do curso, causando muitas vezes privação de sono, ansiedade e insegurança em relação ao futuro (GAUTAM et al., 2015; MEYER et al., 2012). Essa exagerada cobrança e busca para alcançar expectativas criadas pela sociedade e da instituição em cima dos estudantes, leva a um ambiente acadêmico competitivo, que quando não atingida causa angústia e sensação de impotência da parte do acadêmico (VASCONCELOS et al., 2015; PEREIRA et al., 2015).

2.3 De estudante a médico veterinário

Sair do ensino médio para ingressar em uma universidade é um passo importante na vida dos estudantes, deveria ser algo tranquilo e natural, mas por muitas vezes pode causar danos emocionais quando se é criada expectativas irreais sobre o curso (FERNANDES e ALMEIDA, 2005). Dados de uma pesquisa apontam que, quando a faculdade se empenha em receber e integrar os novos alunos, auxiliando e orientando quando necessário, diminui danos emocionais e

psicológicos, além de aumentar o desempenho e bem estar dos acadêmicos (CUNHA e CARRILHO, 2005).

É um fato que o acadêmico do ensino superior passa diariamente por diversas provações durante o curso que escolheu, dentre tantas, são citadas principalmente a dificuldade de aprendizagem, questões psicológicas como a pressão, a auto cobrança, problemas com a relação aluno-professor, gerando conflitos e desentendimentos e em alguns casos a distância da família para alguns (SANTOS, STRAPASSON e STARIKOFF, 2022).

Durante a graduação existe um pilar importante na vida dos estudantes, os estágios extracurriculares, que são uma porta para o mundo da prática veterinária, onde a teoria aplicada em sala pode ser finalmente vista e reproduzida na realidade do dia a dia (SANTOS, STRAPASSON e STARIKOFF, 2022). Aqui existe um mar de possibilidades, o estudante tem contato com diversos profissionais já formados e com experiências para compartilhar, auxiliando na caminhada para o crescimento profissional (SANTOS et al., 2017).

Na fase final do curso, o estágio obrigatório é mais uma etapa para se agregar conhecimento e prática ao formando, neste período se tem mais liberdade e oportunidade para demonstrar o domínio teórico adquirido durante a graduação, essa fase proporciona uma visão prévia do mercado de trabalho do qual logo mais o MV estará inserido (SANTOS, STRAPASSON e STARIKOFF, 2022), a pró-atividade, lidar com problemas no dia a dia, adaptação na rotina e colegas de trabalho, são características adquiridas além das habilidades técnicas, que faz total diferença (BARRO, 2021), podendo assim, se tornar profissionais diferenciados conforme as necessidades observadas durante o estágio (UFFS, 2015).

Quando chega enfim o momento de sair do papel de acadêmico para a vida profissional, entrando de vez no mercado de trabalho, é necessária grande adaptação e força de vontade para superar obstáculos que surgem no caminho do recém formado (MAGALHÃES e TEIXEIRA, 2013). Neste momento é colocada a prova quanto você sabe e aprendeu no decorrer do curso, a insegurança, falta de conhecimento teórico e prático, a rotina de plantões, contato direto com tutores e falta de experiência são alguns fatores negativos que o recém formado acaba encontrando pelo caminho (SANTOS, STRAPASSON e STARIKOFF, 2022).

O aproveitamento do tempo na graduação para aprender a se comunicar com clientes, tutores e público em geral, a proatividade obtida durante os estágios, adaptação ao ambiente de trabalho, capacidade de lidar com mudanças e problemas, são fatores que impactam diretamente na vida

profissional dos médicos veterinários, facilitando a inserção no mercado de trabalho e capacidade de exercer sua função na empresa (SANTOS, STRAPASSON e STARIKOFF, 2022).

Durante a rotina de trabalho, a principal reclamação dos recém formados não se diz respeito ao conhecimento técnico obtido durante a graduação, mas sim problemas de gestão na empresa que trabalham e questões pessoais, lidar com a insegurança mediante a cargos de liderança, problemas com a rede de contato com outros profissionais da área, desequilíbrio emocional diante problemas, situações inesperadas do dia a dia e comunicação direta com os clientes são algumas das principais dificuldades enfrentadas (SANTOS, STRAPASSON e STARIKOFF, 2022).

2.4 Eutanásia, morte e o luto na veterinária

Atualmente, a relação entre paciente, veterinário e tutor, ganhou muito mais importância e visibilidade, os animais passaram a ser considerados membros da família, tendo papel fundamental no bem-estar físico e psicológico de seus tutores (MANZANO, et al., 2011), sendo assim o MV tem o dever e a responsabilidade de além do profissionalismo diante do paciente, possuir empatia, sensibilidade e preparo emocional durante o atendimento (PULZ, et al., 2011). Na rotina clínica e cirúrgica da veterinária existem diversas situações que exigem a prática da eutanásia, ato de promover a cessação da vida do animal, sem dor, angustia, medo e sofrimento. O termo eutanásia vem do grego, *eu* significa “bom” e *thanatos* se traduz em “morte” (AVMA, 2001).

O procedimento de eutanásia é permitido somente em animais, sendo considerado crime esta prática para seres humanos no Brasil, a eutanásia passou a ser regulamentada através da resolução de nº714 de 20 de junho de 2002 do Conselho Federal de Medicina Veterinária, sendo indicada em casos de afecções ou alterações que impossibilitam o bem-estar animal, doenças terminais, quando o animal for considerado uma ameaça a saúde pública, a fauna nativa e ao meio ambiente, em ultimo caso é levado em consideração a questão financeira incompatível com tratamento ou finalidade do animal e em casos de zoonoses ou para fins de estudo e pesquisas (MANZANO, et al, 2011).

Existem diversas opiniões sobre a pratica da eutanásia, alguns profissionais são contra, alegando que não se deve promover a morte como forma de suprimir dor e sofrimento, já os profissionais a favor pro procedimento, encaram a prática válida em casos onde não há

tratamento ou cura para o paciente, quando existe sofrimento insuportável e inutilidade (FRANÇA, 2001).

Mesmo a eutanásia sendo necessária na rotina veterinária, é um fato que os profissionais não se isentam de efeitos colaterais na vida pessoal, causando repercussões psicológicas no médico responsável pelo procedimento. Uma consequência vista em profissionais mais antigos da área é dessensibilização, quando o procedimento se torna rotineiro e acaba sendo enfrentado com indiferença (ZANETTI, 2009).

É importante observar a variação individual de cada veterinário quanto ao assunto, tendo em vista que algumas pessoas por natureza possuem maior sensibilidade, lidando com a situação de forma emocional, gerando tristeza e frustração, principalmente quando o paciente passa um longo período de tempo em tratamento na clínica e em contato direto com o veterinário, tendo como consequência conexão emocional e afetividade pelo paciente, tornando o procedimento mais angustiante para si mesmo (THURMON et al, 2007).

Em casos de trabalho onde há contato diário com a eutanásia, como em abatedouros e laboratórios de pesquisa, existem efeitos adversos nos profissionais que tem que lidar com a morte diariamente, causando insatisfação com a profissão, sentimento de culpa, arrependimento e até mesmo manifestações comportamentais, tornando o MV distraído no trabalho, com menos cautela e cuidado ao manejar os animais e agressividade psicológica no dia a dia (PULZ et al, 2011). Quando se forma com o objetivo de salvar vidas, lidar com a eutanásia causa angústia no profissional que se vê obrigado a cessar vidas em estados terminais (STARZEWSKI JÚNIOR, ROLIM, MORRONE, 2005).

O enfrentamento de doenças terminais, óbitos e o procedimento de eutanásia, exige estabilidade emocional por parte de toda equipe envolvida no tratamento, conseguindo lidar também com a tentativa de interação com o tutor, que enfrenta o sofrimento pela perda de seu animal de encontro (PULZ, et al., 2011). O procedimento deve ser explicado de forma clara aos tutores, a fim de evitar maiores impactos emocionais para os mesmos, como sentimento de culpa pela morte, negação do procedimento, causando extensão do sofrimento do animal, hostilidade com o MV e abandono do tratamento do pet (HEWSON, 2014).

Conforme orientações do Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV, 201) é essencial que todos os participantes no momento do procedimento demonstrem profissionalismo e respeito tanto para com o animal quanto para com o impacto que isso pode ter nas demais

pessoas envolvidas. Atualmente a relação homem-animal está mais intensa, onde alguns chegam a ser tratados e considerados filhos, membros da família (FERREIRA, SAMPAIO, 2010; ALMEIDA e BRAGA, 2009; DOTSON, HYATT, 2008), deste ponto de vista, espera-se que o médico veterinário tenha preparo emocional para com empatia e respeito tratar de assuntos delicados, como a perda de um ente querido (SOARES, 2010).

A falta de treinamento durante o curso para comunicar o óbito para o tutor faz com que muitas vezes a morte seja vista e encarada de forma fria, apenas como um processo fisiológico, faltando delicadeza para lidar com o luto, o MV está sempre exposto a sobrecarga sentimental dos tutores após o procedimento (OLIVEIRA FILHO, SANTOS, MONDADORI, 2010). Durante a graduação, estudos mostram que não existe matéria específica que ensine como o profissional deve lidar com o luto, de que forma consolar e informar o falecimento para o tutor, sem se desequilibrar emocionalmente diante a situação. Médicos veterinários diante disso, acabam criando uma válvula de escape, suprimindo sentimentos e optando por uma abordagem distante e fria (LESNAU, SANTOS, 2012).

Naturalmente a empatia é um dos primeiros sentimentos que vêm à tona em situações de luto, vem do outro para si, compartilhando a mesma dor da pessoa que está sofrendo. Isso se torna um problema para os profissionais que não consegue transformar a empatia em compaixão, passando a experimentar o sofrimento sendo totalmente seu e não do outro, sobrevivendo o que chamamos de distresse empático, diz respeito a sentimentos negativos e aversivos e (KLIMECKI e SINGER, 2011).

Quando a empatia e a compaixão não são controladas de forma racional, o MV fica exposto a fadiga de distresse empático, um altruísmo patológico que acontece quando o profissional em uma tentativa de aliviar o sofrimento do paciente e dos tutores, se doa de forma intensa para os cuidados com o animal, causando estresse e cansaço irreversível, levando a um esgotamento profissional, afetando seu emocional, ordem social, física e até mesmo espiritual (COETZEE & KLOPPER, 2010; KLIMECKI e SINGER, 2011).

2.6 Síndrome de Burnout, depressão e suicídio em médico veterinários

A realização profissional é buscada diariamente pelos profissionais em geral, garantindo a chegada aos objetivos de vida, metas pessoais e planos do futuro. Ser capaz de suprir suas expectativas em relação ao trabalho executado trás satisfação, auto realização e consequente

bem-estar físico e emocional. O problema surge quando as expectativas e metas criadas sobre o trabalho não são consolidadas, causando desequilíbrio emocional, estresse, insatisfação e instabilidade, o trabalho deixa de ser uma realização pessoal e passa a ser causa de sofrimento diário (ZANI, ROSA e MACHADO, 2020).

De acordo com Lopes e Pêgo (2015), a síndrome de burnout diz respeito a algo que parou de funcionar devido à falta de energia. A exaustão humana tende a aparecer devido a uma exposição prolongada em um trabalho que trás a tona exaustão emocional, estresse, má adaptação ao ambiente de trabalho e menor realização profissional (MASLACH e GOLDBERG, 1998). O profissional passa a medir seu valor de acordo com a capacidade de executar aquilo que se propôs a fazer, ou que lhes foi pedido. Morte diária na sua rotina, sofrimento de pacientes e tutores, prática da eutanásia, sentimento de culpa, medo de errar, desvalorização da profissão, falta de reconhecimento e baixa remuneração, são fatores que aumentam as chances de ocorrência da síndrome de burnout em veterinários (ZANI, ROSA e MACHADO, 2020).

Na rotina exaustiva, a despersonalização é muito comum, quando o MV deixa de agir levando em consideração os sentimentos e adota uma postura totalmente racional, causando conflitos internos no ambiente do trabalho, com críticas constantes, cinismo, endurecimento afetivo e uma visão negativa sobre a maioria das coisas no dia a dia, vendo os colegas de trabalho, pacientes e tutores, como peças de um quebra cabeça do dia a dia e não de uma forma humanística. Ansiedade, irritabilidade excessiva, falta de compromisso e alienação são comuns nesse caso (ZANI, ROSA e MACHADO, 2020).

O Burnout afeta diferentes tipos de áreas, além dos médicos veterinários atuantes de forma direta em clínicas, os professores também são grande alvo da síndrome, causando desequilíbrio no ambiente educacional, interferindo na qualidade do aprendizado e muitas vezes fazendo com que os mesmos desistam de exercer a profissão devido a falta de realização pessoal e frustração dentro da sala de aula. O baixo salário para a quantidade de horas trabalhadas, a falta de respeito e desvalorização dentro das salas de aula, a idade do professor e a formação deficitária, são as principais causas do início do desenvolvimento da síndrome dos docentes (LOPES e PÊGO, 2015).

O Burnout causa diversas alterações negativas, físicas e emocionais, Lopes e Pêgo (2015), citam dores musculares, sono desregulado, fadiga constante, enxaqueca, baixa imunidade, como algumas alterações físicas causadas, além do aumento da falta de atenção, perda de memória,

impaciência, baixo auto estima, desânimo, paranóia e depressão, aumento do uso de substâncias, negligência, dificuldade para relaxar, suicídio, que são apontados por eles como sintomas psíquicos e comportamentais causados pelo burnout.

Dados apontam que os profissionais de Medicina Veterinária dedicam, em média, entre 44 a 54 horas semanais ao trabalho, a carga horária extensa, aliada ao desequilíbrio entre a vida pessoal e profissional, são fatores fundamentais que contribuem significativamente para o aumento do esgotamento emocional nesta profissão (MEEHAN & BRADLEY, 2007).

A depressão causa diversos sintomas, muitas vezes podendo não ser diagnosticados pela própria pessoa, os quais não são reconhecidos como doença. Dentre os sintomas estão, a perda de interesse em atividades rotineiras, culpa constante, tristeza, cansaço, perda ou ganho de peso acentuado e pensamentos pessimistas, além do desejo de acabar com a vida (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2000).

Outro obstáculo enfrentado pelos MV é o stress ocupacional (OS), acontece quando por tempo indeterminado esse sentimento é invalidados no ambiente profissional, devido a pressão excessiva causada pela empresa, clientes e resultados inesperados (ONGORI e AGOLLA, 2008; KIVIMAKI, 2006; GARDNER e HINI, 2006).

Estudos realizados por Beck et al. (1990), apontavam a desesperança em relação à vida e ao futuro como um dos fatores centrais que levam ao risco do suicídio, isto é, quando as expectativas passam a ser negativas, esperando o pior em relação a tudo. Depressão, anedonia e perda da vitalidade, seriam então sintomas secundários à desesperança (QUEIROZ, 2020).

O suicídio é uma ação para além da filosofia e sociologia, possuindo fatores diversos que influenciam uma pessoa a desistir da vida, correndo sérios riscos de suicidar-se. O ambiente onde vive, o trabalho, relações pessoais e profissionais, também afetam diretamente no risco para o autocídio (QUEIROZ, 2020).

A taxa de suicídio entre os profissionais de medicina veterinária é quatro vezes mais elevada do que a observada na população em geral e o dobro da taxa registrada entre outros profissionais da área de saúde. Diversos fatores contribuem para esse dado, como carga excessiva de trabalho, o período de transição entre estudante e profissional médico, as responsabilidades profissionais e o isolamento social, todos associados às reações psicológicas (WOLF, NUNES e GARCIA 2020), o que leva que leva a pessoa a tentar contra a própria vida (GOLDNEY, 2005).

Apesar da evolução da sociedade e de seus valores, ainda acredita-se que o preconceito enraizado pela sociedade com o sexo feminino exercendo alguns trabalhos, está ligado diretamente ao elevado número de mortes por suicídio de mulheres na veterinária (WELNER et al., 1979), principalmente quando atuam no mercado de grandes animais de produção, onde predomina-se o sexo masculino, nesta área, muitas vezes são desvalorizadas, privando-as de cargos maiores, avanços salarial e promoções, banalizando a capacidade e desempenho das mesmas (NOTMAN, 1975). De acordo com Shapiro (1971), o gênero é associado diretamente a casos de suicídio, levando em consideração o atrito das exigências do mercado de trabalho, como horários e turnos estendidos com o trabalho de cuidado, muitas vezes realizados pelas mulheres.

O aumento considerável no número de suicídios em médicos veterinários está diretamente ligado ao fácil acesso aos fármacos de tarja preta e ao conhecimento adquirido (BARTAM & BALDWIN, 2008). Barbitúricos são uma classe de medicamentos comumente usadas na rotina clínica e cirúrgica do veterinário, possuem efeito anestésicos, em grandes quantidades pode deprimir exageradamente o sistema nervoso central, evoluindo para um quadro de óbito (BOURNE e VILA-GARCIA, 2016). O uso desses fármacos é a maior causa de suicídio por envenenamento em MV, por ser de fácil acesso, se torna um grande facilitador para tentar contra a vida (WITTE et al., 2019).

Mesmo com dados constatando que o uso de fármacos é o principal meio de suicídio na classe veterinária, não é possível estabelecer quais fármacos são os mais utilizados e qual a origem destes, se são usados no dia a dia da clínica ou levados até o trabalho, para tal ato, isso devido a falta de pesquisas feitas mais a fundo sobre o assunto (QUEIROZ, 2020).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diariamente os profissionais formados em medicina veterinária são expostos a desvalorização, falta de reconhecimento, baixa remuneração e em contrapartida, submetidos a horas de trabalho, plantões, carga emocional na hora de lidar com pacientes em tratamentos paliativos e em procedimentos de eutanásia, seja em clínicas ou em abatedouros o contato com a morte se torna algo comum. A relação no trabalho com equipe, chefe, estagiários e tutores, muitas vezes pode ser um gatilho para despertar o stress ocupacional, depressão e a síndrome de burnout, fazendo com que muitos profissionais queiram desistir da profissão, passando a vê-la como um fardo. Existe uma certa negação em relação a fragilidade emocional enfrentada todos os dias,

muitos profissionais tendem a perder a sensibilização com os pacientes, como uma forma de proteção inconsciente. É importante levar em consideração as características e carma emocional pessoal de cada profissional.

A revisão bibliográfica reafirma que os MV possuem taxas consideravelmente mais altas de suicídio do que outras profissões em geral, chegando a ocupar o primeiro lugar. As mulheres são as mais afetadas emocionalmente e psicologicamente, sendo as mais propensas a cometer suicídio dentro da profissão veterinária, o preconceito e a desvalorização das mesmas em cargos na rotina de animais de produção é um objeto que favorece esses dados. O método de auto envenenamento através do uso exacerbado de fármacos de tarja preta, dos quais médicos veterinários possuem fácil acesso, é o meio mais comum de suicídio entre os profissionais, e o mais comum entre mulheres, sendo elas veterinárias ou não.

Conclui-se que a profissão veterinária precisa de mais reconhecimento, valorização e acompanhamento psicológico desde a fase acadêmica até a atuação direta na profissão. A falta de estudos e atenção em cima deste assunto demonstra negligência em relação ao bem estar e a saúde destes profissionais. As legislações brasileiras têm como obrigação possuir boas práticas de gestão do poder público em relação à saúde do trabalhador médico veterinário, garantindo prevenção de males maiores e cumprimento dos deveres e direitos dos mesmos. Para buscar solucionar e melhorar taxas de suicídio, depressão e problemas psicológicos nestes profissionais, deve-se implantar na grade curricular do ensino superior aulas que incluam temas sobre como lidar com a eutanásia, comunicação com tutores e inteligência emocional na rotina da profissão. No dia a dia MV podem recorrer ao acompanhamento terapêutico e psicológico, além do reconhecimento da necessidade dos mesmos.

REFERÊNCIAS

ADAM, R. S. A. et al. **A importância do médico veterinário na saúde pública.** Research, Society and Development, v. 10, n. 8, e18210817254, 2021.

ARAÚJO, LUISA RAQUEL TEIXEIRA. **SAÚDE OCUPACIONAL NA MEDICINA VETERINÁRIA.** UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO, MOSSORÓ, 2021

BARWALDT, ET, Piñeiro, MBC, SZORTYKA, ALC, & NOBRE, MO. **INFLUÊNCIA DA DIMENSÃO CANSAÇO EMOCIONAL NO SURGIMENTO DA SÍNDROME DE BURNOUT EM MÉDICOS VETERINÁRIOS.** XXIX CIC 2020.

CLOTILDE DE LOURDES BRANCO GERMINIANI, **A história da medicina veterinária no Brasil.** Arch. Vet. Scienc. 3(1):1-8, 1998.

CHAHÉR, HM. **Eutanásia em Animais: A Ética e o Luto.** Curitiba, 2020.

Christiane Almeida de Queiroz. **Suicídio e Saúde Mental em Profissionais de Veterinária: uma revisão narrativa e uma visão sobre Portugal.** Porto, 2020.

FERNANDA RIBEIRO POLZIN, **O ESTÁGIO OBRIGATÓRIO COMO INSTRUMENTO DE INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO.** Curitiba, 2019.

LESNAU, GG e Santos, FS. **FORMAÇÃO DOS ACADÊMICOS DE MEDICINA VETERINÁRIA NO PROCESSO DE MORTE E MORRER.** Biosci. J., Uberlândia, v. 29, n. 2, p. 429-433, 2012.

LEYVA-OCARIZ, Hugo., **La Preparacion e Importância del Medico Veterinario.** REVET. Revista Eletrônica de Veterinária, Vol. VI, núm.5, 2005.

LOPES, Franciara Pereira e PÊGO, Delcir Rodrigues. **Síndrome de Burnout.** Anápolis-GO, 2015.

Nogueira, NFN, Ferreira, VS, Teixeira, AN, Neto, ML, & Gontijo, RC. **Doenças negligenciadas: Depressão.** Revista interdisciplinar do pensamento científico, 2018.

OLIVEIRA, Sérgio José, **Inserção da medicina veterinária na história do Brasil.** Veterinária em Foco, v.16, n.1, jul./dez. 2018.

PAIVA, JN. **CONSIDERAÇÕES SOBRE A EUTANÁSIA NA MEDICINA VETERINÁRIA.**

Brasília, DF, 2016.

PIMPÃO CT, CATAPN DC, ROCHA RMVM, Chi KD, TEIXEIRA VN, MADEIRA HMF. et al.

Desenvolvendo competências na aprendizagem de estudantes de medicina veterinária. Vet. e Zootec. 2017

PULZ, RS, KOSACHENCO, B., BAGATHINI, S., SILVEIRA, RS, MENEGOTTO, GN, & SCHNEIDER, BC. **A eutanásia no exercício da medicina veterinária: aspectos psicológicos.**

Veterinária em foco, 2011.

PFUETZENREITER, ZYLBERSZTAJN, AVILA-PIRES, P. 01 **Evolução histórica da medicina**

veterinária preventiva e saúde pública. Ciência Rural, Santa Maria, v.34, n.5, p.1661-1668, set-out, 2004.

RAFAEL GIANELLA MONDADORI, **Educação médico-veterinária brasileira: quantidade X qualidade**

SARA FERNANDES DE MAGALHÃES. **IDEAÇÃO SUICIDA EM MÉDICOS VETERINÁRIOS EM PORTUGAL, UM PROJETO DE ESTUDO.** Universidade de Lisboa, 2022.

SANTOS, STRAPASSON e STARIKOFF, **Trajetória acadêmica e profissional dos egressos do curso de Medicina Veterinária.** Research, Society and Development, v. 11, n.2, e30411225613, 2022.

SANTOS, ALC. **EUTANÁSIA: MORTE HUMANITÁRIA.** Garça, SP, 201.

VITORINO, L. **NOSSAS VIDAS APÓS A MORTE DO PACIENTE: COMO LIDAR COM O TUTOR QUANDO PERDEMOS UM ANIMAL?** UNB-Brasília DF, 2021.

WOLF, Larissa Rachel; NUNES, Bruno Pedon; GARCIA, Rita de Cassia Maria. **A IMPORTÂNCIA DO ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO A MÉDICOS VETERINÁRIOS RESIDENTES.** *Arch Vet Sci*, v. 25, n. 5, 2020.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus por toda força e iluminação em dias difíceis, ao apoio, paciência e toda ajuda para realizar o trabalho da minha orientadora professora Dra Veridiane da Rosa Gomes, aos familiares que sempre me apoiaram e reforçaram a minha capacidade sempre que sentia que não iria dar conta. Agradeço aos meus pais, por todo investimento e confiança que depositaram em mim para construir junto comigo o meu sonho, me tornar médica veterinária. Obrigada a cada um que fez parte desta história ao longo destes 5 anos.